

# 10. Toledo no seu tempo

■ ANA CRISTINA ARAÚJO

## 10.1. Recolectores de moluscos das zonas litorais da Estremadura, Alentejo e Algarve

A comunidade que se instalou em Toledo conhecia naturalmente outros grupos, outros itinerários, outros lugares.

Para NW desta jazida, junto à costa actual e na margem direita de um pequeno curso de água suspenso sobre o nível actual (Fig. 10.1: n.º 11), encontra-se um outro contexto de concheiro, Vale de Frade (Araújo & *alii*, no prelo), que foi acumulado ou pelo mesmo grupo de Toledo, ou por um outro seu contemporâneo (Fig. 10.2). Como foi referido ao longo dos capítulos anteriores, os restos alimentares documentados em Toledo mostram a exploração de diferentes tipos de habitat, sendo expectável encontrar outros locais frequentados pelo grupo. Vale de Frade poderia constituir um desses locais, o qual teria, pela sua localização geográfica, um acesso mais directo e acessível ao mar. Os vestígios aqui recuperados mostram, com efeito, uma componente não negligenciável de moluscos de habitat rochoso litoral como o caramujo (*Osilinus lineatus*), o mexilhão (*Mytilus* sp.) e a lapa (*Patella* sp.), mas também espécies de ambiente estuarino, e ainda alguns restos de mamíferos, aves, anfíbios e peixes. O concheiro de Vale de Frade não se encontrava já *in situ*; a ocupação humana terá tido lugar algures mais para NW, *i.e.* num ponto mais alto da vertente, ou no interflúvio setentrional, tendo sido repositada, após o seu abandono e por agentes naturais, na propriedade onde se concentravam os vestígios escavados em 1998 e 1999 (Araújo & *alii*, no prelo; Araújo & Costa, 1998–1999). A presença de lontra (*Lutra lutra*) e de esquilo (*Sciurus vulgaris*), ambos ausentes do elenco faunístico de Toledo, mostra que Vale de Frade se localizava bem numa zona de ecótono, onde a água e o bosque constituíam dois elementos fundamentais do território envolvente. Se a formação deste sítio se deve à população de Toledo, ou a uma parte dela, como explicar as diferenças existentes entre um e outro sítio no que diz respeito ao aprovisionamento em matérias-primas siliciosas? Com efeito, a utilização exclusiva de sílex alóctone de boa qualidade (Cenomaniano) para o fabrico de suportes não deixa de constituir um aspecto original e diferenciador da produção lítica de Vale de Frade (Araújo & *alii*, no prelo). Resta determinar se a génese desta diferenciação decorre do tipo de matéria-prima utilizado, que no caso de Vale de Frade é de boa qualidade e, talvez por isso, registe bem os estigmas das operações de talhe, se ela assume de alguma forma um carácter funcional, ou se resulta de uma tradição tecnológica distinta protagonizada por um outro grupo contemporâneo de Toledo. A não ser que a componente lítica aí documentada esteja apenas associada a um episódio mais recente de ocupação do local, ainda durante o Boreal, cuja definição estratigráfica se perdeu (ver Fig. 10.2).

Se no caso de Vale de Frade não é possível, por enquanto, imputar a responsabilidade da sua formação à população de Toledo, já o sítio da Ponta da Vigia, localizado a pouco mais de quatro quilómetros para SW, junto à costa actual e não muito longe da margem esquerda da foz do Alcabrichel (Fig. 10.1: n.º 13), seria, com toda a probabilidade, um lugar conhecido e visitado pela comunidade humana de Toledo no âmbito das suas incursões diárias pelas proximidades. Mas excepção feita aos carvões de madeira de *Pinus pinaster* (Van Leeuwen & Queiroz, 2003) provenientes das estruturas de combustão ali escavadas (Zilhão & *alii*, 1987; Zambujo & Lourenço, 2003), o sítio não continha, ou não conservou por razões tafonómicas,

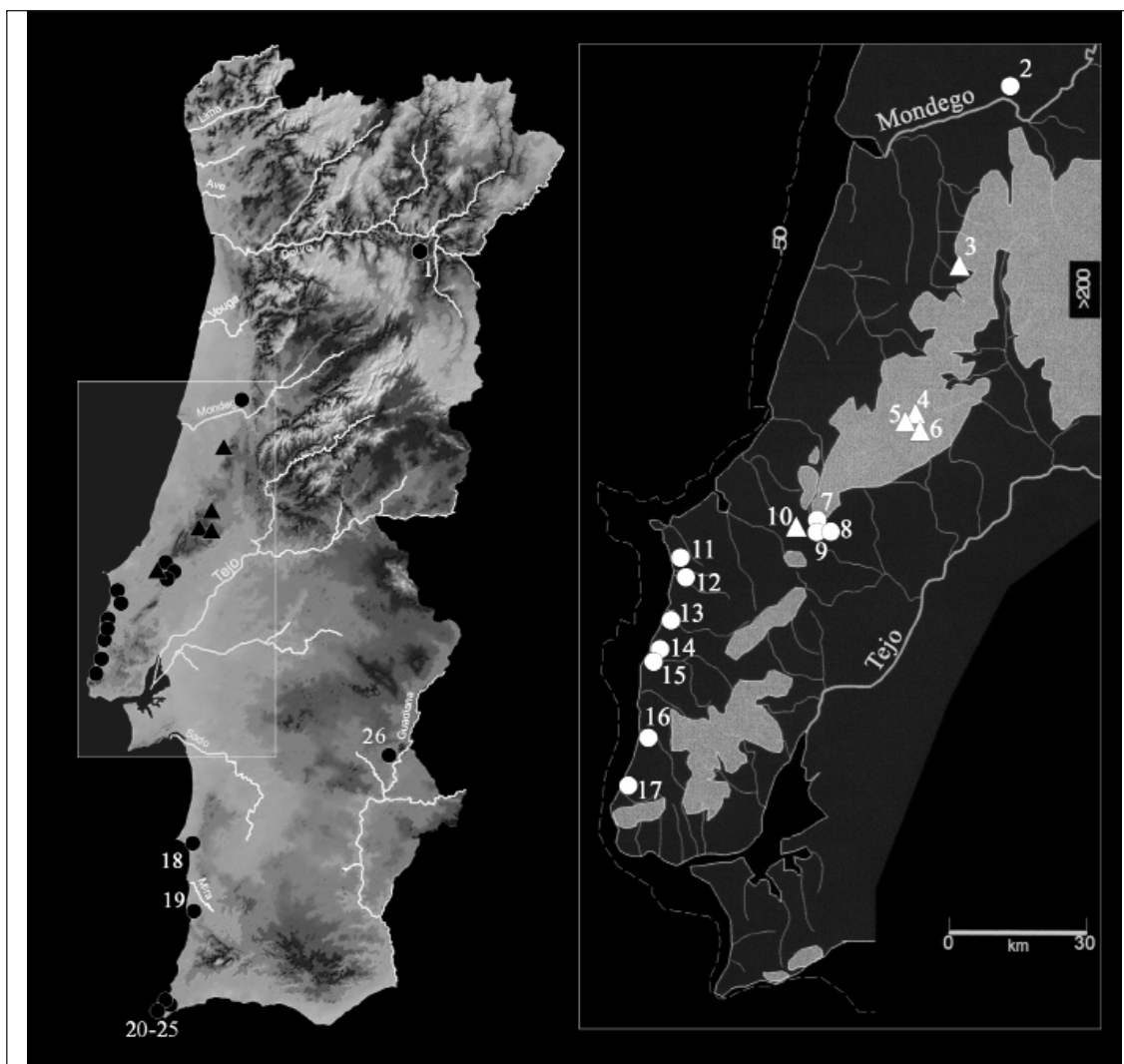


FIG. 10.1 – Sítios do Mesolítico Inicial: 1. Prazo; 2. Vale de Sá; 3. Buraca Grande; 4. Gruta do Casal Papagaio; 5. Abrigo de Pena de Mira; 6. Lapa do Picareiro; 7. Cabeço de Porto Marinho; 8. Fonte Pinheiro; 9. Areeiro III; 10. Abrigo Grande das Bocas; 11. Vale de Frade; 12. Toledo; 13. Ponta da Vigia; 14. Cabeço do Curral Velho; 15. Pinhal da Fonte; 16. São Julião; 17. Magoito; 18. Oliveirinha I; 19. Palheirões do Alegria; 20. Castelejo; 21–24. Barranco das Quebradas I, III–V; 25. Rocha das Gaiotas; 26. Barca do Xerez de Baixo.

restos orgânicos que o possam relacionar com a aquisição directa de recursos alimentares. Apesar de não ser possível determinar qual a natureza exacta das actividades que aí tiveram lugar — um ponto de observação seria outra hipótese a considerar — este contexto faria com certeza parte integrante do território percorrido e explorado pela comunidade humana de Toledo. A indústria lítica recuperada no decurso do processo de escavação das lareiras mostra uma produção maioritária de pequenas lascas, sendo rara a presença de produtos alongados e de suportes retocados (Araújo, em preparação a; Zilhão & *alii*, 1987; Zambujo & Lourenço, 2003). Não são aqui consideradas as diversas recolhas de superfície efectuadas ao longo dos tempos na área designada pelo topónimo de Ponta da Vigia (ver, para o historial da jazida, Zilhão & *alii*, 1987). As indústrias líticas recolhidas no decurso dessas visitas podem, na realidade, cobrir uma fatia de tempo mais alargada (do Tardiglaciar ao Neolítico, por hipótese), contrariando assim a hipótese inicialmente levantada sobre a sua provável associação com as estruturas de combustão mesolíticas. Considerando o contexto sedimentar e geomorfológico onde se encontram as referidas indústrias — à superfície ou, mais raramente, no interior de



FIG. 10.2 - Datas de radiocarbono para o Mesolítico Inicial (cal BC,  $2\sigma$ ). A calibração foi realizada a partir do Programa CALIB v. 6.0 (Stuiver, M., Reimer, P.J., Reimer, R.), com recurso à curva IntCal09 (Reimer & alii, 2004, 2009). Abreviaturas: CPM (Cabeço de Porto Marinho); BXB (Barca do Xerez de Baixo).

areias de duna não consolidadas — é possível que se esteja perante uma associação artificial de objectos produzidos em contextos de ocupação distintos.

Ainda junto ou nas proximidades da costa actual da Estremadura são conhecidos outros sítios ocupados durante o Holocénico inicial (Pré-Boreal e Boreal) que documentam a exploração intensiva de recursos marinhos e onde a componente de moluscos assume um papel preponderante: Cabeço do Curral Velho (Araújo, 1994; Araújo, em preparação), Pinhal da Fonte (Araújo, em preparação), São Julião (Arnaud & Pereira, 1994; Sousa, 2004) e Magoito (Arnaud, 1994). Mais antigos ou mais recentes do que Toledo (Fig. 10.1: n.ºs 14-17; Fig.10.2), estes locais assumem o estatuto de sítios especializados no consumo de recursos alimentares de origem aquática, ocupados muito provavelmente no quadro de estadias curtas de natureza sazonal. Os sítios residenciais destas comunidades humanas poderão localizar-se mais para o interior, incluindo as áreas do maciço calcário estremenho e respectiva periferia, onde se encontram documentados contextos arqueológicos contemporâneos.

Os concheiros do litoral da Estremadura fazem parte de um conjunto mais alargado de sítios com características muito similares, o qual inclui ainda outros localizados junto ou nas proximidades imediatas da costa actual do Alentejo e do Algarve (Fig. 10.1: n.ºs 18, 20-25). Eles partilham, entre si, as seguintes características (Araújo, 2009):

- a) são sítios de concheiro;
- b) as respectivas sequências começam, invariavelmente, no Holocénico inicial;
- c) localizam-se, de forma sistemática, na desembocadura de antigos estuários, permitindo a exploração de ambos os tipos de ecossistemas, marinho e fluvio-estuarino;
- d) presença recorrente de áreas de combustão (estruturadas ou não);
- e) presença regular de conchas perfuradas (elementos de adorno?), destacando-se as espécies *Nassarius reticulatus* e *Theodoxus fluviatilis*;
- f) o uso quase exclusivo de matérias-primas locais nas sequências de talhe;
- g) uma produção lítica expedita e sobretudo orientada para o fabrico de lascas, que raramente são transformadas em utensílio através de retoque.

Este conjunto de características define e caracteriza bem o típico sítio de concheiro do Holocénico inicial (Araújo, 2009). Em quatro casos apenas (Fig. 10.1: n.ºs 16, 20, 21, 25), os locais continuam a ser ocupados no Mesolítico Recente (*i.e.*, durante o período Atlântico). A variabilidade detectada na composição e representação relativa da componente de moluscos entre os diversos contextos reflecte, acima de tudo, a especificidade biogeográfica de cada um dos locais ocupados (Araújo, 2009, Fig.10.3).



FIG. 10.3 - Espécies mais comuns de moluscos encontradas nos contextos de concheiro do Mesolítico inicial português. A. Espécies de habitat areno-vasoso, mais características dos sítios do litoral da Estremadura. B. Espécies de substrato rochoso, mais representadas nos sítios da costa alentejana e do Algarve. Da esquerda para a direita: *Cerastoderma edule*, *Scrobicularia plana*, *Venerupis decussata*, *Solen marginatus*, *Osilinus lineatus*, *Mytilus* sp., *Patella* sp., *Ostrea* sp., *Thais haemastoma*.

No litoral da Estremadura, por exemplo, predominam as espécies de fundos arenosos ou vasosos, com marcada influência estuarina (*Cerastoderma edule*, *Scrobicularia plana*, *Venerupis decussata* e *Solen marginatus*) e, com uma representação bastante menos acentuada, espécies de substrato rochoso (*Mytilus* sp., *Patella* sp. e *Osilinus lineatus*). Na costa do Alentejo e do Algarve a situação é claramente inversa, sendo as espécies de habitat rochoso (*Osilinus lineatus*, *Patella* sp., *Mytilus*, *Thais haemastoma*, *Pollicipes pollicipes*) as melhor representadas no elenco faunístico dos concheiros localizados nestas regiões (Soares & Silva, 2004; Valente & Carvalho, 2009). Na ausência de dados mais concretos, não é possível estabelecer uma relação directa entre o factor *tempo* e a representação relativa de um determinado *taxon*. Existem tendências, mas essas tendências têm que ser analisadas e interpretadas à escala regional e considerando limites temporais mais alargados.

Exceptuando os casos de Toledo e de Vale de Frade, os restantes concheiros não documentam, ou apenas documentam de forma extremamente episódica, vestígios faunísticos de origem terrestre. Nos concheiros do Pinhal da Fonte (Fig. 10.1: n.º 15; Araújo, em preparação) e do Castelejo (Fig. 10.1: n.º 20; Silva & Soares, 1997) encontram-se documentados ossos de coelho e, ainda no primeiro caso, alguns raros fragmentos não determinados de outros mamíferos de dimensões superiores. No Barranco das Quebradas 1 (Fig. 10.1: n.º 21) foi recuperado um dente atribuído a um ungulado (Valente & Carvalho, 2009). Mesmo os restos ictiológicos estão ausentes da esmagadora maioria dos contextos arqueológicos que têm vindo a ser referidos (Toledo e Vale de Frade constituem, mais uma vez, a excepção).

O leque de opções económicas e o espectro de aptidões tecnológicas destas comunidades humanas não se limita, porém, à recolha e consumo de moluscos e ao fabrico de ferramentas simples para utilização imediata. Estes concheiros reflectem, apenas, uma parcela de um sistema de organização das sociedades humanas bem mais complexo, o qual inclui outras soluções adaptativas contemporâneas.

## 10.2. Caçadores das zonas interiores da Estremadura

---

Com efeito, a análise comparativa das datações radiométricas obtidas para o Holocénico inicial do território português mostra, de forma clara no caso da Estremadura, a existência de claras sobreposições entre os contextos arqueológicos localizados no litoral e os localizados no interior desta unidade geográfica (ver Fig. 10.2). Na bacia de Rio Maior, por exemplo, são conhecidos três sítios de ar livre que documentam ocupações do Mesolítico Inicial: Areeiro III (Fig. 10.1: n.º 9; Bicho, 2000), Cabeço de Porto Marinho V (Fig. 10.1: n.º 7; Bicho, 2000; Zilhão, 1997) e Fonte Pinheiro (Fig. 10.1: n.º 8; Bicho, 1994). O contexto geomorfológico é nos três casos idêntico, encontrando-se os vestígios embalados no interior de formações sedimentares constituídas por areias com origem coluvionar e eólica (Zilhão, 1997). O sílex é um recurso localmente disponível e com distribuição ubíqua na paisagem (Zilhão, 1997), aparecendo em posição secundária sob a forma de nódulos (nas formações detríticas) ou de pequenos seixos rolados (nas cascalheiras fluviais).

As características apresentadas pelas jazidas acima referidas sugerem ocupações de provável natureza residencial, onde se terão processado diferentes tipos de actividades. Infelizmente, e por razões tafonómicas, apenas se conservaram nestes locais restos das estruturas de combustão e as indústrias líticas, cujas sequências se encontram representadas na sua totalidade. Os primeiros resultados do estudo traceológico efectuado sobre um pequeno conjunto de lamelas em sílex provenientes do sítio do Areeiro III (Igreja, comunicação pessoal; Araújo, em preparação) evidencia o tratamento de matérias-primas de origem animal, nomeadamente

de pele seca, em cinemáticas de tipo transversal e longitudinal, indo ao encontro da hipótese levantada por Bicho (2002) quanto à possível natureza residencial deste local.

Em termos globais, não se verificam alterações significativas nas estratégias de produção lítica e no tipo de suportes e de utensílios pretendidos entre os conjuntos líticos que datam do Paleolítico Superior final e do Mesolítico Inicial da região de Rio Maior, o que provavelmente se estenderá a outros domínios do comportamento humano. Existem, contudo, alguns aspectos que são de salientar quando se observa o lado holocénico da sequência, como uma tendência geral para a diminuição do tamanho das armaduras e dos suportes lamelares (compare-se, a este propósito, os dados métricos obtidos por Bicho, 2000, para os contextos magdalenenses e mesolíticos estudados em Rio Maior) e uma menor variabilidade tipológica das armaduras. O fabrico de suportes curtos, torcidos e apontados para serem transformados em lamelas de dorso marginal a partir de núcleos de tipo *raspadeira-carenada* ou *buril-carenado* (Fig. 10.4), o tipo de armadura mais comum nos contextos do Mesolítico Inicial das terras interiores da Estremadura, insere-se no quadro da mesma tradição técnica paleolítica representada não só nos contextos de ar livre da região de Rio Maior, como nas jazidas de gruta e de abrigo do maciço calcário estremenho (Aubry & *alii*, 1996; Zilhão, 1997).

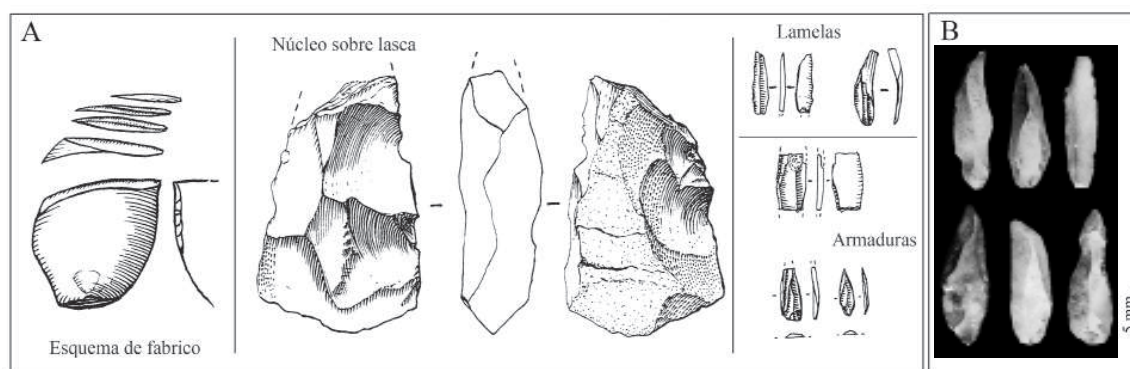


FIG. 10.4 – A. Este esquema (reproduzido a partir de Aubry & *alii*, 1997) exemplifica o tipo de estratégia mais utilizado no fabrico de lamelas de dorso marginal. O núcleo abandonado pode ser classificado como buril plano transversal sobre lasca distal. As armaduras e lamelas representadas no lado direito do esquema foram recuperadas na gruta da Buraca Grande (nível 8C, Boreal). B. Alguns exemplos de pequenas lamelas com retoque marginal encontradas no sítio de ar livre do Areiro, igualmente datado do Boreal (Bicho, 2000).

A frequência das terras elevadas do maciço calcário estremenho durante o Mesolítico Inicial encontra-se igualmente atestada em três jazidas, devendo as ocupações aí documentadas assumir, desta vez, um carácter essencialmente logístico (*sensu* Binford, 1980): Lapa do Picareiro (Fig. 10.1: n.º 6 e Fig. 10.2; Bicho & *alii* 2003, 2006), Gruta do Casal Papagaio (Fig. 10.1: n.º 4 e Fig. 10.2; Arnaud & Bento, 1988) e Abrigo da Pena de Mira (Fig. 10.1: n.º 5 e Fig. 10.2; Araújo & Zilhão, 1991). É provável que os vestígios acumulados no decurso dessas ocupações tenham sido produzidos pelas mesmas comunidades humanas que instalaram os seus sítios residenciais na área da bacia do rio Maior, as quais fariam com certeza incursões regulares à região do Maciço, aproveitando a diversidade de recursos cinegéticos aí existente. Esta hipótese é sustentada não só pela análise comparativa dos resultados radiométricos existentes entre os dois conjuntos de jazidas (as de ar livre da região de Rio Maior e as de gruta/abrigo do maciço calcário), os quais, em alguns casos, se interceptam claramente, como na própria composição da utensilagem que inclui, uma vez mais, lamelas de dorso marginal. Acresce, ainda, e em reforço da mesma hipótese, o facto de o sílex utilizado no armamento de caça recuperado na Lapa do Picareiro ter origem na região de Rio Maior (Bicho, 2003). Infelizmente, este último sítio é o único que permite uma abordagem mais completa e aprofundada sobre a natu-

reza das ocupações aí reconhecidas, dado que os restantes dois, Abrigo da Pena de Mira e Gruta do Casal Papagaio, se encontravam já praticamente destruídos no momento em que foram identificados e sondados. Porém, foi possível mesmo assim documentar, e pelo facto de os ambientes cársicos serem favoráveis à preservação de matéria orgânica, a presença de restos faunísticos de origem terrestre nestes contextos, sobretudo dominados pelo veado, o javali e o coelho, sugerindo que a caça constituía a principal actividade levada a cabo nestes locais. O aspecto mais interessante a registar, todavia, e que é igualmente comum aos três contextos que têm vindo a ser referidos, é o facto de eles documentarem, no seio das respectivas sequências, depósitos de concheiro constituídos por moluscos de ambiente marinho e estuarino. A presença de itens de origem litoral em locais tão afastados da linha de costa, na ordem dos 30 a 50 km — considerando a distância a que se encontraria a linha de costa na altura em que estes locais foram ocupados —, e a altitudes que ultrapassam os 400 m tem obviamente consequências a diversos níveis, nomeadamente nos padrões de mobilidade das comunidades humanas e na extensão dos seus territórios económicos, que abrangem agora as terras do litoral e do interior. A presença de moluscos não deve ser, portanto, interpretada como resultando de contactos efémeros ou simples trocas entre grupos distintos, uns vivendo e explorando a costa e outros o interior, mas como reflexo de um sistema baseado num elevado grau de mobilidade das populações e na complementaridade funcional inter-sítios (Araújo, 2005, 2009). A introdução de uma componente aquática numérica e qualitativamente expressiva no sistema dietético das populações do Holocénico inicial constitui, assim, a manifestação arqueológica mais visível das mudanças operadas nos padrões de comportamento humano na passagem para o Holocénico, reflectindo contudo uma tendência que se encontrava já claramente em curso (Araújo, 2009). A exploração de recursos costeiros, nomeadamente de moluscos, não se encontraria naturalmente ausente da ementa das comunidades paleolíticas. A grande diferença reside, quando se observa os dois lados da transição Plistocénico-Holocénico, numa clara mudança na hierarquia de opções alimentares entre um e outro lado, com as populações mesolíticas a depender estruturalmente deste tipo de recurso. Constitui, assim, uma característica cultural cuja origem estará em parte relacionada com factores ambientais, nomeadamente com o avanço da linha de costa para posições próximas das actuais. Com efeito, o Abrigo Grande das Bocas (Fig. 10.1: n.º 10 e Fig. 10.2; Bicho, 1995–1997; Zilhão, 1997), localizado na parte mais meridional da Serra dos Candeeiros e a meio de um canhão escavado pelo rio Maior nos calcários do Jurássico, contém já um verdadeiro depósito de concheiro datado da transição para o Holocénico, o qual inclui apenas espécies litorais, à semelhança do nível de ocupação mais antigo reconhecido na Gruta do Casal Papagaio.

A existência de itinerários entre o litoral e o interior, ou vice-versa, tem sido já por diversas vezes sugerida, permanecendo contudo a incógnita sobre quais os circuitos ou rotas efectivamente seguidas pelos grupos humanos dada a ausência de dados concretos a este respeito. Com efeito, não foram ainda reconhecidos vestígios dessa passagem em toda a região compreendida entre a faixa litoral e a área abrangida pelo Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. As jazidas de gruta existentes no planalto das Cesaredas — casos da Gruta da Casa da Moura (Óbidos) e da Lapa do Suão (Bombarral) —, por exemplo, contêm sequências que incluem ocupações do Paleolítico Superior, que se encontram imediatamente encimadas por vestígios de época neolítica e mesmo posterior. Este mesmo padrão é aliás recorrente noutros contextos de gruta localizados na Estremadura (ver, por exemplo, Zilhão, 1997). Antes de admitir o abandono real destes locais durante o Mesolítico Inicial, impõe-se uma avaliação crítica prévia dos processos de origem natural directamente envolvidos na formação e alteração das sequências sedimentares (fases de sedimentação e de erosão), não só em meio cársico, como de ar livre. Este tipo de avaliação foi já realizado com resultados positivos para

o Paleolítico Superior (Aubry & *alii*, 2008; Zilhão, 1997), de modo a compreender qual a origem das lacunas existentes no registo arqueológico para determinadas fases da sequência cultural.

Que a exploração de recursos costeiros e o consumo de moluscos constituem, de facto, um traço caracterizador da bagagem cultural das comunidades de caçadores-recolectores do Mesolítico Inicial, prova-o, também, a realidade documentada para a bacia do Baixo Mondego. A Gruta da Buraca Grande (Fig. 10.1: n.º 3 e Fig. 10.2; Aubry & *alii*, 1997, 2005, 2008), localizada no Maciço Calcário de Sicó e a cerca de 20 km para sul da margem esquerda do rio Mondego, foi igualmente utilizada por grupos de caçadores-recolectores durante o Mesolítico Inicial (Camada 8c), muito provavelmente no quadro de expedições logísticas direccionadas para a caça de mamíferos de pequeno e médio porte (como o veado, o javali e o coelho; Aubry & *alii*, 1997). Os moluscos encontram-se mais uma vez representados, constituindo muito provavelmente os restos das primeiras refeições consumidas pelo grupo à chegada ao maciço. Infelizmente, a cavidade foi palco de diferentes fases erosivas que interferiram nas condições originais de deposição dos vestígios. A Camada 8c embalava, com efeito, materiais gerados no contexto de ocupações distintas da cavidade (do Solutrense, do Magdalenense e do Mesolítico Inicial), sendo actualmente difícil atribuir à ocupação boreal a responsabilidade exclusiva da produção das armaduras microlíticas obtidas por retoque marginal ali recuperadas (Aubry, comunicação pessoal), mesmo que do ponto de vista formal e técnico sejam idênticas às da Lapa do Picareiro e do Areeiro III.

Contemporâneo da ocupação boreal da Buraca Grande é o contexto de ar livre identificado na margem direita do Mondego, junto ao lugar de Vale Sá (Fig. 10.1: n.º 2 e Fig. 10.2; Aubry & *alii*, 2005). Tal como acontece nos sítios de Rio Maior, o sítio apenas conservou vestígios da produção lítica e estruturas de combustão, encontrando-se portanto ausentes os restos relacionados com a subsistência do grupo. O sílex utilizado na confecção do instrumental lítico, que inclui uma componente de pequenas lamelas apontadas, tem maioritariamente origem na margem norte do Baixo Mondego, existindo contudo outras variedades, mas em muito menor escala, provenientes de afloramentos do Cenomaniano localizados na região de Leiria (Aubry & *alii*, 2005).

É muito provável que estes dois locais traduzam o mesmo sistema de ocupação do espaço repartido por sítios residenciais, situados nas terras mais baixas (ocupados de forma mais permanente e onde se desenvolvem diversos tipos de actividades) e sítios logísticos, localizados nas terras altas (ocupados no quadro de estadias de curta duração orientadas para actividades cinegéticas). E tal como acontece para a região do litoral, estas comunidades tendem a tirar o maior partido da diversidade ecológica proporcionada pelas zonas de ecótono.

Mas o tempo representado por Toledo inclui ainda outra realidade que é distinta, mas que se insere na mesma lógica de organização interna das comunidades humanas do Holocénico inicial que tem vindo a ser discutida.

### 10.3. “Artesãos de seixos talhados”

---

Com efeito, esta realidade é partilhada por sítios que apresentam, como traço mais distintivo, a presença de uma produção quase exclusiva de ferramentas líticas de base macrolítica realizada a partir de seixos rolados disponíveis localmente. Se bem que este tipo de artefactos ocorra em diversas áreas geográficas e em diferentes tipos de contextos crono-culturais, é no Sul do País e durante o Mesolítico Inicial que a adopção das tecnologias macrolíticas constitui um *traço cultural* do Património das populações que ocuparam estas regiões durante



este período. A presença de instrumentos macrolíticos deixa, portanto, de constituir apenas uma ocorrência no seio de uma determinada indústria, para representar essa própria indústria. Os únicos sítios que se enquadram nesta definição são, até ao momento, Barca do Xerez de Baixo (BXB), localizado na margem direita do rio Guadiana (Fig. 10.1: n.º 26; Fig. 10.2) e Palheirões do Alegria (PA), implantado sobre uma arriba junto à costa actual (Fig. 10.1: n.º 19 e Fig. 10.2). Ambos os contextos são de ar livre. Os vestígios presentes na BXB (Araújo & Almeida, 2007, 2008; Araújo & *alii*, 2009; Araújo & Almeida, no prelo), foram acumulados no decurso de repetidas estadias mesolíticas no local (adentro do período Boreal), com excepção de um pequeno e circunscrito episódio de passagem neo-calcolítica assinalado nos primeiros níveis da sequência. PA (Raposo, 1994; Raposo & *alii*, 1993; Araújo, em preparação), corresponde a um palimpsesto de vestígios produzidos no contexto de ocupações de natureza crono-cultural distinta, mas que acabariam por se homogeneizar numa mesma unidade estratigráfica (à superfície) devido à deflação das areias dunares. A componente macrolítica deverá estar, porém, em grande parte relacionada com as ocupações mesolíticas do local durante o período boreal, não sendo de excluir contudo a hipótese de a mesma incluir materiais produzidos no quadro de outras estadias de ocupação de cronologia mais antiga ou até mais recente. Se no caso da BXB as características funcionais parecem manter-se inalteradas ao longo do tempo em que foi ocupada — trata-se fundamentalmente de um acampamento especializado na caça — as condições de jazida dos vestígios recuperados nos PA, associadas à ausência de quaisquer outros restos orgânicos no local com excepção dos carvões, dificultam o reconhecimento do tipo de actividades aí desenvolvidas, as quais necessariamente justificariam a produção de artefactos em pedra e a construção de áreas de combustão.

Em ambas as jazidas são as rochas com maior representação no local as utilizadas nas sequências de talhe: o quartzito na BXB; o grauvaque, nos PA. Estas matérias-primas, sob a forma de seixo rolado, são trabalhadas de forma simples e expedita de modo a concretizar os objectivos pretendidos: a produção de lascas (gumes cortantes) e de utensílios maciços (do tipo *seixo talhado*). As estratégias, maioritariamente frontais, adaptam-se desde o início à morfologia dos seixos de matéria-prima disponíveis localmente (Fig. 10.5), sendo raro o recurso a procedimentos técnicos mais sofisticados. A enorme quantidade de restos produzidos no decurso do processo de debitage dos volumes de matéria-prima não é apenas justificada pela ocupação recorrente ou repetida dos locais, mas pelos próprios objectivos funcionais que exigem um constante equilíbrio entre a dupla produção-consumo. Assim, os suportes são debitados à medida das necessidades, sendo raro o recurso ao retoque.

O aparecimento no registo arqueológico do Mesolítico Inicial de contextos que documentam ocupações com tecnologias macrolíticas tem necessariamente uma justificação. Considerando os diversos aspectos que estruturam o funcionamento das sociedades humanas, mas sobretudo aqueles que apresentam visibilidade material, é possível invocar uma relação de tipo causa-efeito na mudança operada nas soluções tecnológicas praticadas pelos ocupantes da BXB e dos PA? A resposta exige que a análise se estenda aos períodos imediatamente precedentes e às mesmas áreas geográficas de modo a excluir eventuais condicionamentos impostos pela natureza ao comportamento humano. Com efeito, os contextos do Paleolítico Superior reconhecidos na região onde se localiza a BXB exibem, para além da componente de produção macrolítica realizada a partir de cadeias operatórias expeditas e com recurso a seixos rolados disponíveis localmente, um fabrico intencional de suportes lamelares e de armaduras, as quais são obtidas a partir de sílex de origem alóctone e com recurso a procedimentos técnicos mais apurados (Almeida & *alii*, no prelo). A presença recorrente deste tipo de artefactos e desta matéria-prima no seio das séries líticas do Paleolítico Superior da região demonstra não só uma clara mudança no sistema de produção lítica verificada a

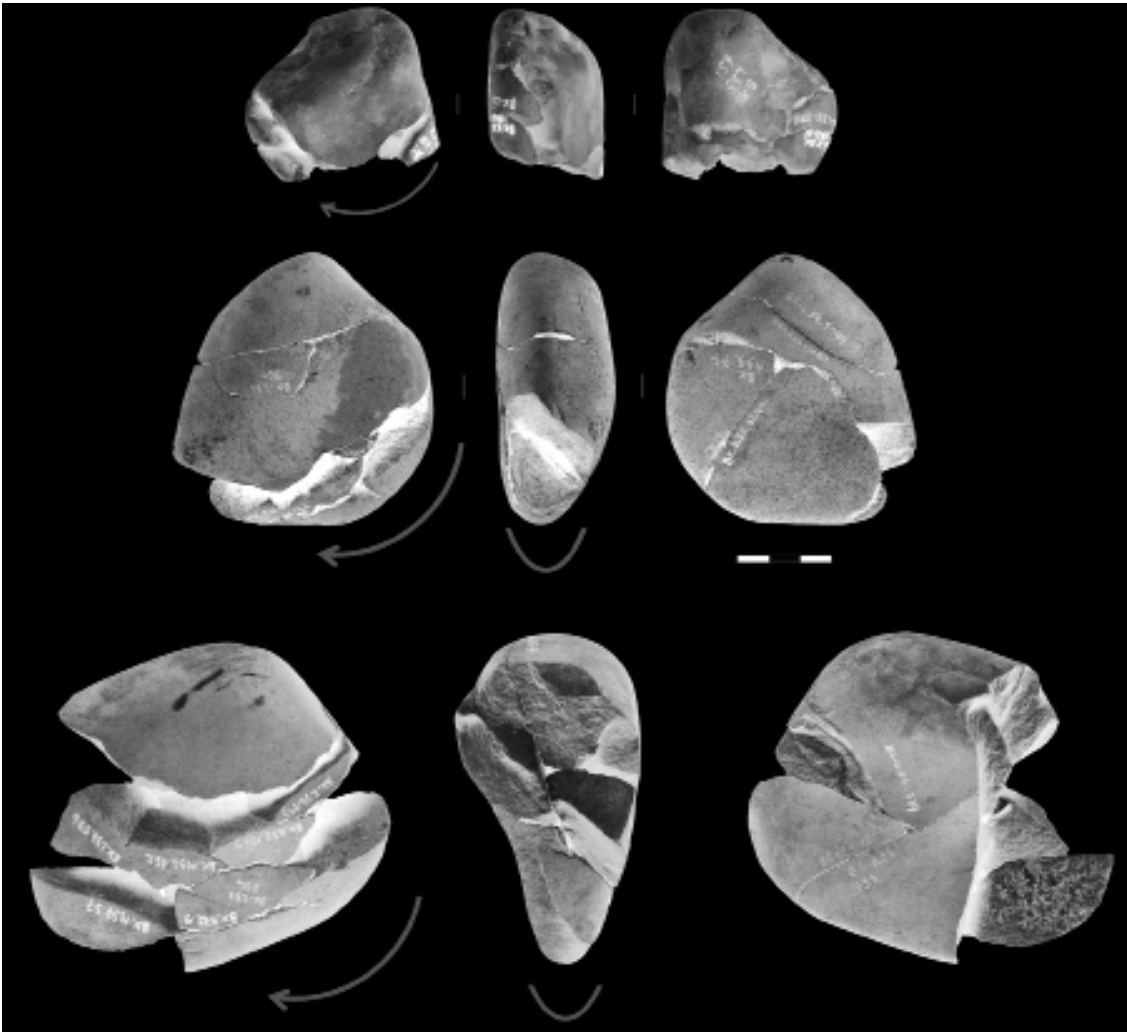


FIG. 10.5 - Três remontagens em quartzito do sítio de ar livre da Barca do Xerez de Baixo (Araújo & Almeida, 2007, 2008, 2009), exemplificando o tipo de estratégia mais comum para a produção de lascas. Foto de José Paulo Ruas.

partir do Mesolítico Inicial, como nas economias da pedra praticadas pelos grupos humanos deste período. Estas alterações não são necessariamente justificadas pelo tipo de recursos faunísticos explorados, que se deverão manter basicamente os mesmos num e noutra período, nem invocar um eventual desconhecimento de saberes ancestrais. Mas, enquanto no Paleolítico Superior a ausência ou escassez de matérias-primas siliciosas de boa qualidade constitui, de facto, um entrave ao sistema tecnológico das sociedades humanas, obrigando os grupos a percorrer longas distâncias até às respectivas fontes de aprovisionamento<sup>1</sup>, essa ausência deixa de constituir uma preocupação ou um obstáculo para as populações mesolíticas, as quais facilmente adoptam outro tipo de soluções tecnológicas, afastando-se assim das exigências técnico-estilísticas dos seus mais directos predecessores. A passagem para o Holocénico terá desencadeado, portanto, todo um conjunto de novos comportamentos no seio das comunidades de caçadores-recolectores, na sua interacção com o meio ambiente e os recursos por ele disponibilizados. Mais do que uma mudança estrutural nos modos de vida das populações, o que a realidade arqueológica sugere é que se está perante uma clara reorganização das sociedades que é concomitante com o início dos tempos pós-glaciares. É neste contexto que devem ser entendidas as tecnologias macrolíticas representadas na BXB e nos PA; como a melhor solução para responder de forma rápida e eficaz às exigências funcionais pretendidas

e sem constrangimento à mobilidade das populações. São precisamente estes dois aspectos do comportamento humano os que melhor retratam as três realidades representadas no Tempo de Toledo — *recolectores de moluscos das zonas litorais, caçadores das zonas interiores e artesãos de seixos talhados* — e que afinal se relacionam com o modo como as sociedades mesolíticas fizeram uso da paisagem, à escala do sítio e do território.

Cada um dos locais referidos ao longo deste capítulo documenta, apenas, uma parcela desse sistema de organização sustentado na diferenciação funcional entre sítios, o qual necessariamente incluía outro tipo de comportamentos não representados no registo arqueológico desses locais, mas que foram parte integrante do reportório cultural das sociedades humanas que viveram no actual território português durante o Holocénico inicial.

---

NOTA

- <sup>1</sup> Tal como acontece nos contextos do Paleolítico Superior do Vale do Côa, os quais documentam, de forma sistemática e independentemente da categoria funcional dos sítios e para todas as fases deste tecnocomplexo reconhecidas na região, artefactos fabricados a partir de sílex alóctone, cujas fontes de aprovisionamento se localizam, por vezes, a mais de 150 km de distância (Aubry & Mangado Llach, 2006). Facto interessante a registar é que o único contexto datado, até ao momento, do Mesolítico Inicial nesta mesma região (sítio do Prazo, Fig.10.1: n.º 1 e Fig. 10. 2; Monteiro-Rodrigues & Angelucci, 2004), apresenta uma indústria lítica onde ocorrem apenas matérias-primas de origem local (sobretudo o quartzo). O padrão repete-se, portanto.